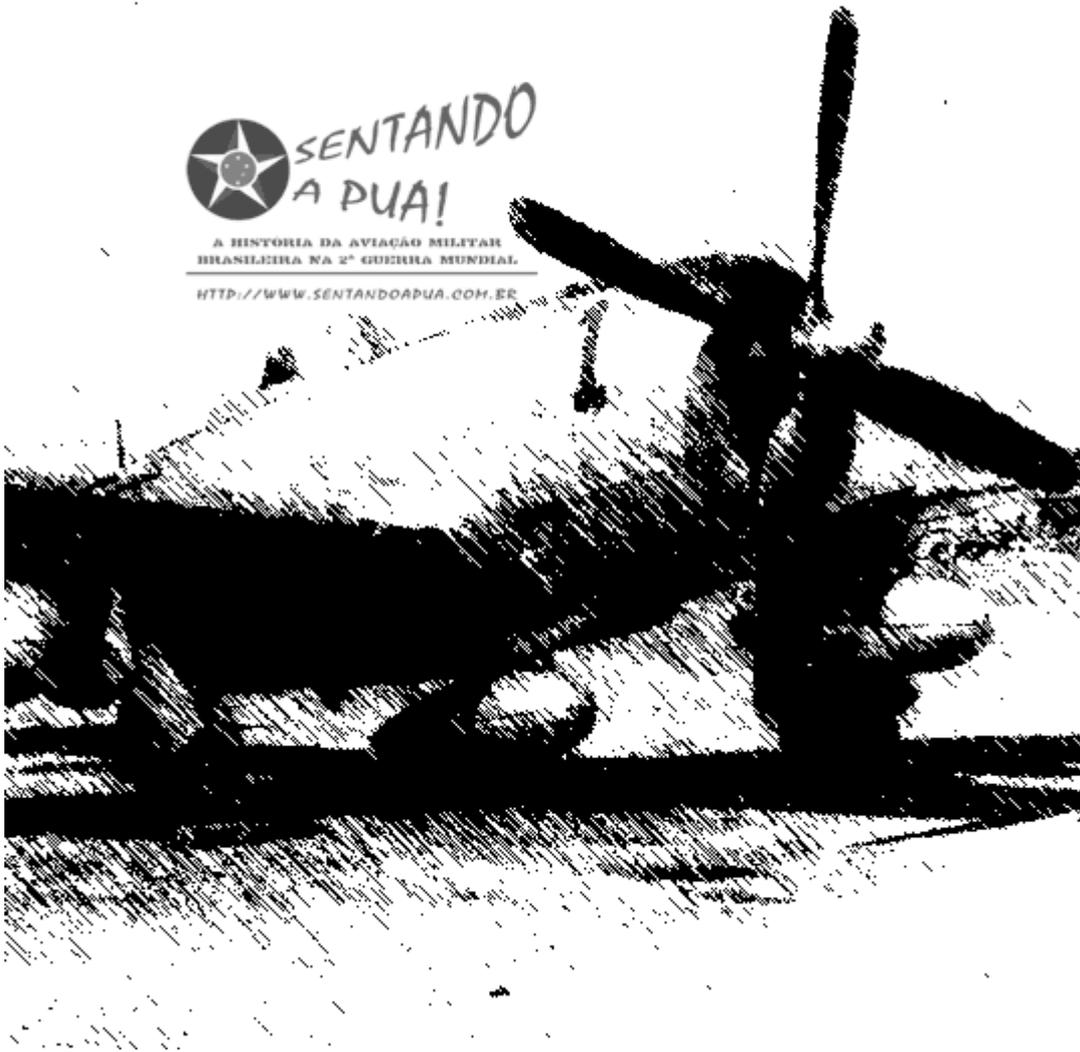




A HISTÓRIA DA AVIAÇÃO MILITAR  
BRASILEIRA NA 2ª GUERRA MUNDIAL

[HTTP://WWW.SENTANDOAPUA.COM.BR](http://www.sentandoapua.com.br)



# **RELATO DA QUEDA DO TEN. ASSIS**

**POR TEN. ASSIS**

<b>PARTE I - RUMO AO ALVO.....</b>	<b>3</b>
<b>PARTE II - FUI ATINGIDO! .....</b>	<b>4</b>
<b>PARTE III - VIAGEM À FRANKFURT .....</b>	<b>5</b>
<b>PARTE IV - O INTERROGATÓRIO .....</b>	<b>7</b>
<b>PARTE V - O CAMPO DE PRISIONEIROS .....</b>	<b>9</b>
<b>PARTE VI - UM ROSTO AMIGO .....</b>	<b>13</b>
<b>PARTE VII - DURA ROTINA DE UM PRISIONEIRO .....</b>	<b>14</b>
<b>PARTE VIII - LIBERDADE, ENFIM! .....</b>	<b>18</b>
<b>PARTE IX - PARIS, UM BOM FINAL DE GUERRA.....</b>	<b>21</b>

## Parte I - Rumo ao Alvo

Este relato começa no vô da madrugada, como chamávamos, no dia 29 de Janeiro de 1945. Era a missão 188 do Grupo e a minha 41 . Duas esquadrilhas estavam escaladas para a primeira saída da manhã :

**Green** - Assis, Meira, Perdigão e Paulo Costa;

**Red** - Lafayette, Wanderley, Keller e Meneses.

O objetivo principal da duas esquadrilhas eram depósitos de combustível no subúrbio da cidade de Piacenza.

Neste mês, já tinham sido abatidos o Medeiros e o Aurélio, portanto, dentro dos dados estatísticos ainda estava faltando alguém, para completar o terceiro.

Quando nos dirigíamos para a pista, o nosso Miranda surgiu na saída do prédio, onde ficava a seção de informações e nos comunicou que o informações do 350th, havia recebido informações de que havia uma grande concentração de viaturas alemães na estrada que circundava o Lago de Como e que após o ataque ao objetivo, deveríamos ir ao citado local para verificarmos o que tinha nos transmitido.

Decolamos e reunimos as duas esquadrilhas, mas como o tempo não estava bom, o Lafayette determinou o procedimento de vô por instrumento para as esquadrilhas.

Quando a esquadrilha Verde atingiu o topo da camada, não avistamos mais a esquadrilha vermelha, mas prosseguimos até atingirmos o rio Pó. Como a visibilidade não era das melhores, só avistamos o rio quando já estávamos quase na vertical do mesmo e neste momento, ouvimos pelo rádio o SENTA PUA do Lafayette e a vermelha balizada pelas explosões pretas do 88 alemão. Mais alguns minutos, iniciamos nosso ataque aos depósitos de combustível.

Após reunir a verde, como o previsto no briefing, rumamos a baixa altura na direção dos Alpes, para atingirmos o Lago de Como. Como a visibilidade não era boa, tomamos um rumo para atingir Milão e, então seguirmos para o Lago de Como. Atingimos Milão pelo sul e deixando a cidade a esquerda, nos dirigimos para o nosso segundo objetivo. Para atingirmos o Lago de Como, cruzamos a estrada de rodagem que ligava Verona a Milão, sendo surpreendidos por uma intensa barragem de A.A.A. leve. Como líder da esquadrilha cometi este erro, porque já sabíamos que esta estrada era muito bem defendida por A.A.A. leve, em proteção aos comboios de viaturas que se dirigiam a Milão, vindos de Verona. Atingimos o Lago de Como e como era difícil manobramos com a esquadrilha no interior do mesmo, porque fica encravado nos Alpes, determinei que o Perdigão e Paulo Costa subissem para dar cobertura para mim e Meira. Com grande dificuldade circulamos dentro da garganta, a procura das informações solicitadas pelo Miranda. A estrada que circundava o lago era toda arborizada, e como estávamos com um olho nos finos que tirávamos na encosta dos Alpes e o outro na estrada, nada pudemos verificar. Saímos da área do Lago e nos dirigimos para interceptar a estrada Verona-Milão e procurarmos os objetivos de oportunidade, isto é, as viaturas retardadas. Encontramos um comboio de viaturas e iniciamos o ataque e acredito que no segundo passe, fomos envolvidos por uma barragem de A.A.A. leve. Colamos no topo das árvores para fugirmos da A.A.A. e quando cessaram os tiros comandi a esquadrilha para a altura de varredura, com o

objetivo de continuarmos ao longo da estrada a procura de novos alvos de oportunidade.

## Parte II - Fui Atingido!

Tenho até hoje, em minha mente, a visão do que aconteceu, quando fui atingido. Assim que levantei o nariz do P-47, para sair do rasante e antes que atingisse os 300 metros, vi a bateria de 4 canhões de 40mm atirar contra mim e atingir meu P-47. Acredito que a defesa AAA, que nos atacou quando nos dirigíamos para o Lago de Como, foi a mesma que me derrubou.

Com os impactos dos projéteis no avião foi como se tivesse passado em velocidade de uma estrada lisa para uma esburacada em fração de segundos. Apesar do susto ter sido grande, comuniquei pelo rádio que tinha sido atingido e que estava com as duas mãos no manche, porque a tendência do avião era baixar o nariz e virar para a direita. Acertaram na asa direita e o aileron foi quase arrancado, sendo a razão de usar as duas mãos no manche e a tendência do P-47 para a direita. Depois do susto e já ganhando altura, apesar do cheiro de gasolina na nacele, pensei que chegaria em nossa base em Pisa. Quando já me encontrava com altitude para atravessar os Apeninos e próximo, a pressão do óleo começou a oscilar e meu ala, Meira, me avisou que estava saindo fogo por baixo do avião, simultaneamente, houve um tranco no motor e quando o Meira retornou com a mensagem rádio, que tinha terminado o fogo, já tinha saltado de pára-quedas.

Cheguei ao solo um pouco violento, pois tinha desviado o pára-quedas da rede de alta tensão. Após ter tocado no solo e me desvencilhado do pára-quedas e do papo amarelo, surgiram algumas pessoas em trajes civis, dizendo que eram partisanos e que os alemães já estavam vindo. Como a neve ia acima dos joelhos aproveitei o buraco feito pelo meu corpo, deixei o pára-quedas e o papo amarelo, cobrindo-os com neve. Os partisanos levaram-me para uma carcaça de automóvel que ficava perto e disseram-me que se eu não fosse descoberto pelos alemães, viriam me buscar a noite.

Não sei quanto tempo fiquei nesta carcaça de automóvel, antes dos alemães chegarem. Abri minha bolsa de fuga, e tomei as pílulas para me tirar o sono, caso tivesse possibilidade de fuga. Ouvi vozes próximas e, quando olhei para fora, tinha um soldado com um fuzil apontado e atirou. Deve ter acertado na carcaça do auto, porque ouvi o barulho do impacto do projétil no metal e o tal soldado gritar, coisas que eu não entendia, mas ouvi a palavra "pistol", e não tive dúvida em jogá-la para fora de meu esconderijo, mas sem me expor. Como o automóvel não tinha porta e nem banco, eu estava no fundo da mala e vi um vulto, falando em alemão, que para bom entendedor devia ser, para sair. Este camarada era um sargento do exército alemão, armado de metralhadora e os soldados eram russos tártaros, da Criméia, que combatiam ao lado dos alemães, após terem sido feitos prisioneiros. Escoltado fui para uma casa na cidade de Ponte d'Oleo, ocupada pelos alemães.

Após me revistarem, chamaram um enfermeiro que fez um curativo no meu nariz, que tinha machucado no salto de pára-quedas. Nesta casa permaneci o dia todo recebendo um tratamento indiferente, pelos militares que transitavam por ali.

À noite, fui levado para Piacenza e, fiquei preso num quarto, que tinha a janela com grades. Pela manhã um oficial chegou aonde eu estava e em italiano disse-me - "aqui está muito frio, você vai ficar na minha sala de comando que está aquecida". Minha gratidão a este combatente alemão, que tinha sido do exército do General Rommel na África e, que já tinha cinco anos de guerra. Em cima de sua mesa tinha uma fotografia de sua mulher e dois filhos pequenos. Desejo ressaltar o procedimento deste oficial alemão, como sendo um verdadeiro combatente, porque quando me encontrava na sua sala, entrou um civil italiano que foi tratar do fornecimento de lenha e quando viu em meu uniforme o nome Brasil, se dirigiu a mim com ameaças, sendo imediatamente posto para fora da sala. Quando chegou a noite, este oficial disse que eu iria para Milão e, deu-me um pedaço de pão preto, queijo e salame, fazendo-me a seguinte recomendação: - "economiza esta alimentação, porque podes não ter muito em tua viagem até a Alemanha".

### Parte III - Viagem à Frankfurt

Em Milão fiquei preso em um xadrez, no subterrâneo da estação de estrada de ferro. Neste local havia diversas celas, com italianos presos. Cansado e tenso, deitei numa mesa que tinha no xadrez e dormi, quando fui acordado por um cano de uma arma. Eram dois militares italianos, que deviam ser oficiais, pois tinham divisas na ombreira do uniforme. Um estava quieto, mas o outro com o revólver na minha cabeça, estava bravo e me xingava. Graças a Deus, esta situação de rato que me encontrava, foi interrompida pelo outro que estava quieto. Depois que saíram do meu xadrez, senti que poderia ser morto, sem ter tempo de chorar ou de implorar. No outro dia a noite, segui para Verona em um ônibus, misturado com soldados alemães e civis italianos e ao chegar, constatei que também viajava como prisioneiro, um tenente da Força Aérea Americana.

Em Verona, fui levado para um hospital e lá fizeram um novo curativo no meu nariz.

Nesta cidade, ou melhor, no prédio que me encontrava em Verona, fizeram-me o primeiro interrogatório. O oficial alemão tentou falar em italiano e um outro alemão em espanhol. Como não entendia o que falava em espanhol, ele disse que já conheciam tudo de nossa unidade tais como: nome do comandante, e cidade. Como tínhamos tido aulas dos americanos sobre os procedimentos dos alemães nos interrogatórios, esta conversa do oficial alemão, fez-me recordar dos ensinamentos recebidos e este era um deles. Como não estava com vontade de falar, apesar de gostar de um papo, nada resultou da insistência do oficial alemão, então ele me entregou um documento com o símbolo da Cruz Vermelha Internacional, para que eu preenchesse. Mais uma vez, pude avaliar a eficiência de nossa instrução, porque este documento havia sido mostrado nas aulas, e era um engodo, que quando preenchido, estaria respondendo a muitas informações militares que constavam em forma de perguntas. Recusei-me a preenchê-lo e, não me lembro de ter havido alguma reação violenta do alemão. Depois desta tentativa de interrogatório, levaram-me para outro quarto prisão.

Neste novo local, encontrei três oficiais, sendo dois americanos e um sul-africano. Como também, haviam nos ensinado nas aulas, que os alemães introduziam espiões com uniforme do inimigo, fiquei desconfiado e, principalmente, porque um dos oficiais americanos, era o que tinha viajado comigo de Milão à Verona. A bem da verdade, no meu inglês, mesmo que não estivesse desconfiado, não poderia dialogar, porque não era bom para falar, embora, entendesse bem melhor.

O oficial sul-africano era muito conversador, e devia contar boas histórias, porque os americanos riam muito, mas pouco proveito eu estava tirando, porque entendia muito pouco. Este sul-africano, era um veterano de guerra, pelo que podia entender da conversa, já estava há quatro anos na guerra e, já tinha sido abatido duas vezes e havia conseguido se evadir. Este oficial parecia que estava num weekend, tal a sua alegria e descontração e pela sua experiência em anos de guerra, eu e os dois tenentes americanos éramos uns recrutas bisonhos. Depois de muito conversar, passou a vasculhar o quarto a procura de algum microfone, e quando se convenceu que não havia escuta, elaborou um plano de fuga em nosso deslocamento de trem pelo Passo de Brenner. Pois nesta altura, já sabíamos que seríamos transportados para a Alemanha e, sairíamos de trem de Verona. O plano do oficial sul-africano, estava baseado no descarrilamento do trem, ou este ser atacado pela aviação aliada e na confusão, poderíamos escapar da escolta e subirmos as escarpas do Passo de Brenner, porque o topo das montanhas estava dominado pelos guerrilheiros. Penso que foi muito bom não se ter concretizado seu plano de fuga, porque pelo que havia de neve, nunca conseguiríamos atingir o topo dos Alpes, pois teríamos ficado congelados.

No dia seguinte, fomos retirados do quarto, e o oficial alemão que havia tentado me interrogar, informou que iríamos de trem para a Alemanha, e nos pediu para assinarmos um documento, em que empenhávamos nossa palavra que não tentaríamos a fuga. Como nos recusamos a assinar o documento em questão, ele nos informou que não devíamos tentar a fuga, porque a guarda (três soldados e um sargento) tinha ordem para atirar.

A nossa viagem de trem terminou em Trento, porque a estrada de ferro tinha sido danificada por ataque de aviação.

Ficamos em Trento algumas horas e, prosseguimos viagem na carroceria aberta de um caminhão, até a cidade de Bolzano.

Nesta viagem o frio nos castigou muito, apesar de pensar que voava bem agasalhado, usando o uniforme de inverno da FAB e, por cima dele a jaqueta e a calça forrada da Força Aérea Americana.

Apesar da viagem incomoda para Bolzano, senti uma satisfação quanto a destruição causada na linha férrea pela aviação. Como tinha atacado com a esquadrilha verde aquela via férrea dois dias antes e, como tinha sido ao norte de Trento, senti uma satisfação imensa, pois considerei que a interdição da linha férrea havia sido feita por nós.

Em Bolzano, recebemos uma alimentação quente, que muito ajudou e a noite seguimos viagem de trem para Alemanha.

Durante a nossa viagem de Verona, o oficial da África do Sul, estava sempre contando histórias e acredito que deviam ser muito engraçadas, porque os oficiais

americanos riam muito, eu, como entendia pouco o inglês, pouco proveito estava tirando.

Quando deixamos Bolzano, e antes de entrarmos na Áustria, o sargento alemão que comandava a guarda, falando em italiano comigo, pediu para avisar os outros prisioneiros, que não devíamos rir porque, a população civil não gostava dos aviadores por causa da destruição que a aviação estava causando e, como no trem embarcariam civis, nós poderíamos ser agredidos e a guarda não teria meios de nos defender.

Apesar do meu mal inglês, consegui transmitir a observação do sargento e, na verdade, todos entendemos muito bem, porque terminaram as estórias engraçadas.

Durante esta viagem pela Alemanha, até chegarmos a Frankfurt, nunca fomos agredidos, mais alguns civis mais exaltados nos cuspiram e diziam coisas em alemão, que embora não entendêssemos, sabíamos que estavam dando vazão a raiva. Na realidade, em qualquer língua, o xingamento é igual, porque a maneira de falar, o olhar e a contração facial dizem tudo.

Não me recordo exatamente, mas acredito que levamos dois ou três dias para chegarmos em Frankfurt, fazendo algumas baldeações. Os guardas que nos acompanhavam não nos molestavam e sempre conseguiam alguma alimentação para nós.

#### Parte IV - O Interrogatório

Chegamos em Frankfurt pela manhã e, nos deslocamos a pé para uma prisão, (tipo campo de concentração), que era o Centro de Interrogatório da Força Aérea Alemã.

No deslocamento a pé pela cidade de Frankfurt embora já tivéssemos visto muita destruição desde a nossa saída de Bolzano, o que estávamos vendo agora era devastador, pois ao longo de nossa marcha, nada existia, somente escombros. Na época, o que estávamos vendo não nos comoveu, apenas nos deu satisfação.

Logo que chegamos ao Centro de Interrogatório, mandaram que ficássemos nus e, revistaram nossas roupas e fomos fichados como fossemos tirar carteira de identidade. Nossas roupas foram desinfetadas e, quando me devolveram ficaram com a calça da roupa de vôo americana, que era forrada de pêlo por dentro. Este confisco, retirou-me um abrigo importante, que muito me fez sofrer, pois estávamos em pleno inverno na Europa. O tratamento dos guardas alemães deste local era bem diferente do que havia recebido dos combatentes no teatro de operações da Itália. Estes não gritavam e nem ameaçavam com suas armas e os do Centro de Interrogatório, neste primeiro contato, sempre estavam com as armas apontadas. Pode ser que esta recepção, fosse para nos amedrontar para os interrogatórios que viriam posteriormente. A cela em que fui colocado tinha uma cama, um colchão, uma cadeira e uma mesa. No dia seguinte a minha permanência neste local, fui levado para o interrogatório. O oficial interrogador, começou a falar em inglês e, como fiquei impassível, demonstrando que não estava entendendo nada, depois de algum tempo na tentativa de diálogo, entrou

um alemão que se dirigiu a mim falando um excelente português. Disse que era capelão, e havia morado na Bahia durante 16 anos.

Através do padre, o interrogador passou a fazer suas perguntas. Quando o padre repetia a mesma , eu dizia o meu nome, posto e número de identificação. Esta cena se repetiu muitas vezes, nos meus quatorze dias neste Centro de Interrogatório. As perguntas feitas pelo padre, sempre se referiam , a unidade a que pertencia, quantas unidades possuíam no T.O., qual a tática empregada nos ataques, qual o nome do comandante. A vida neste local se resumia a comer uma vez por dia, uma espécie de sopa, que quando era entregue já estava fria, formando uma nata na superfície. Como só tinha esta alimentação, não tinha outro jeito e o negócio era comer. A dor no estômago por fome e o isolamento, mexe com o moral da pessoa, porque o pensamento começa a recordar a família que havia ficado no Brasil e os amigos em Pisa. Resolvi que tinha de reagir, evitando pensar no que estava me atormentando. Passei a reconstituir todas as missões de combate, que havia participado, bem como as destruições que havia visto nos meus deslocamentos pela Alemanha. Passei a me sentir melhor, após este procedimento. Para abater o moral do prisioneiro, havia um procedimento, que nas aulas em Tarquínia tinham mostrado. Este procedimento consistia em aumentarem o aquecimento da cela e, para agüentar o calor, ficava nu. Depois reduziam ou cortavam o aquecimento, de modo, que era obrigado a me vestir, passando a sentir frio.

No cordão da botina, passei a dar nó, para assinalar os meus dias naquele local. Quando me encontrava pelo oitavo dia e, já tendo ido ao interrogatório algumas vezes, o padre interprete perguntou-me se eu conhecia o Tenente Motta Paes. Fiquei calado, porque depois de dois ou três interrogatórios, não dizia mais meu nome nem posto e nem identificação, porque o interrogador e o padre já estavam cansados de saber e, eu já estava de saco cheio de repetir a mesma coisa. Então me disse o padre que eles (alemães), já sabiam tudo sobre a minha unidade e já que não queria falar, iria ficar na cela muito tempo, porque o Ten. Motta Paes, não dizia nada e havia ficado muito tempo na cela. Esta notícia em vez de me abater, aumentou minha resistência à aquela situação, porque se o Motta Paes havia passado muito tempo naquela vida eu também, seria capaz de agüentar a fome, o isolamento, o frio, o calor e a presença do interrogador e do padre. Na realidade o Motta Paes levava uma vantagem sobre minha pessoa, porque mesmo entre os amigos, ele já era um silêncio absoluto, sendo que por causa de sua pouca vontade de falar, nós o chamávamos de "Moita Paes".

Após este amigável papo, o padre me perguntou se eu conhecia a Gestapo, como fiquei calado, mandaram-me para a cela.

Não me recordo se foi no dia seguinte, mas pela manhã apareceu o padre e me anunciou que eu iria para a Gestapo, mas que não iriam me maltratar e que seria apenas interrogado.

Escoltado por dois soldados, saí da cela e fui para a Gestapo. Este local não devia ser muito longe do Centro de Interrogatório, porque a caminhada não foi muito longa. Lembro-me que após passar o portão de entrada, não vi mais militares, mas somente civis. Fui para uma cela e lá fiquei até o dia seguinte. Pela manhã um civil abriu a porta e mandou que eu saísse. Comboiado por ele levaram-me para uma sala e lá se encontrava o padre e um outro alemão.

O interrogatório foi político, com perguntas desta natureza; o que eu sabia de comunismo, que em poucos anos os aliados estariam em guerra contra o comunismo, qual minha opinião sobre a Alemanha, se eu achava que a Alemanha iria ganhar a guerra.

Como eu estava calado, o padre em português fez um doutrinamento contra o comunismo, mas sempre dirigido pelo outro civil alemão. A minha permanência nesta sala não foi muito longa, lembro-me que sai daí acompanhado por dois civis e voltei para o Centro de Interrogatório e, acredito que em tempo de pegar o almoço, porque não me recordo de ter comido neste local da Gestapo.

Um ou dois dias após o meu regresso ao Centro de Interrogatório, fui levado novamente para a presença do interrogador e de meu companheiro padre.

Neste interrogatório, caí numa armadilha. Perguntaram-me se conhecia o Ten. Medeiros, pois ele pertencia a minha unidade. Como fiquei calado, o padre lastimou que o Ten. Medeiros ainda jovem, tivesse morrido. Instintivamente, disse que o Ten. Medeiros não havia morrido, porque a rádio de Milão havia informado que ele estava prisioneiro. Tendo em vista a minha resposta, interrogado novamente, confirmei que o Ten. Medeiros pertencia a minha unidade. O oficial interrogador abriu um envelope e, me mostrou um ticket do cinema Thunderbolt e uma carta do seu pai ou noiva e, o "Dog Tag". O Ten. Medeiros foi abatido na Itália e estes pequenos pertences foram chegar ao Centro de Interrogatório em Frankfurt, porque somente neste local poderiam ter valor, como realmente serviram para a minha falha. Realmente, é uma demonstração da eficiência de uma organização militar, contrastando com o que nos aconteceu, quando já há muito tempo no Brasil, fomos descobrir nossos presentes de Natal de 44, ainda encaixotados em nosso depósito no Rio de Janeiro.

O interrogador me entregou os pertences do Ten. Medeiros, para que fizesse chegar as mãos de seus familiares, quando regressasse ao Brasil. Para que em minhas andanças pela Alemanha, não me tomassem os pertences entregou-me um documento autorizando-me a permanência dos mesmos comigo. Posteriormente, todas as vezes que fui revistado, devolveram-me os pertences por causa do documento do interrogador alemão.

Quando completava meu décimo quarto dia de cela, levaram-me para o pátio e lá havia muitos prisioneiros. Fiquei sabendo que iríamos para o interior da Alemanha, e que a causa era que os aliados tinham atravessado o rio Reno e ameaçavam Frankfurt.

#### Parte V - O Campo de Prisioneiros

Embarcamos em um trem a tarde e viajamos a noite toda. Pela manhã desembarcamos numa pequena estação e, seguimos a pé para um outro campo de prisioneiros. Quando chegamos nesta nova moradia, nos tiraram a roupa e, revistaram-na minuciosamente. Era um campo de Distribuição de Prisioneiros.

Na entrada deste campo havia uma tabuleta bem grande, informando aos prisioneiros que não tentassem a fuga, lembrando-nos que numa tentativa havida num campo de prisioneiros da Silésia, diversos tinham sido mortos.

Neste local aproximou-se um capitão aviador, dizendo que me conhecia de Pisa, pois ele pertencia ao esquadrão 347 da Força Aérea Americana. Havia muitos prisioneiros Canadenses e não sei por que, achavam que eu brasileiro, devia saber falar francês. Entre o meu francês e o inglês, preferia responder suas indagações em inglês.

Como brasileiro, era uma ave rara no meio dos ingleses, americanos, canadenses, polacos, etc. O alemão, comandante do campo, após a revista que era diária, aproximou-se de mim e disse que um outro brasileiro havia passado por lá, e cá comigo, logo identifiquei o Motta Paes e, fiquei esperançoso de encontrá-lo mais adiante, pois sabíamos que uma permanência neste local não seria longa.

Este pequeno campo de concentração, comparado com o confinamento do Centro de Interrogatório, era um paraíso, porque podia me locomover, ver pessoas que não eram os carcereiros alemães, ou melhor, parecia que tinha obtido minha liberdade. Nesta altura dos acontecimentos a alimentação, já era secundária, isto é, não sentia aquela fome angustiante do início, já estava acostumado.

Na permanência neste campo, duas coisas ficaram bem gravadas, uma trágica e outra ou outras de alegria, contentamento e satisfação.

A trágica se referia a um sargento da Força Aérea Americana e, que assisti, porque estava próximo do local do ocorrido. Eu e um oficial canadense, estávamos conversando na porta da barraca, quando vimos que um prisioneiro já tinha ultrapassado a primeira cerca de arame farpado e se esgueirava para passar pela seguinte, que limitava a área do campo. Assim que passou a última cerca de arame farpado, levantou-se e saiu correndo. Acredito que sua liberdade não teve mais que 50 metros porque de duas torres, as metralhadoras começaram a atirar e, em seguida ele tombou. Simultaneamente, com os disparos das metralhadoras, as sirenes deram o alarme e soldados alemães saíram com seus cães atrás do fugitivo. A morte deste prisioneiro foi uma brutalidade e, veio confirmar o cartaz de alerta, que havia na entrada do campo. Todo o prisioneiro tem o direito de tentar a fuga e, esta tentativa de fuga aconteceu pela manhã, bastava o alarme das sirenes, para que os guardas alemães com seus cães aprisionassem facilmente o fugitivo, não havendo a necessidade daquele fuzilamento. Acredito que o sargento americano, tivesse perdido completamente o controle, porque com a claridade do dia e com uma área limpa circundando o campo, era impossível não ser visto pela torres guarnecidas que envolviam os campos dos prisioneiros.

A parte alegre desta minha estadia, se relaciona com a aparição freqüente sobre o campo, dos caça P-51- Mustang, sendo que em duas ocasiões, atacaram objetivos nas proximidades. Na nossa situação estas cenas aéreas, eram confortantes. Deste campo saímos a tarde e após um trajeto a pé, chegamos na pequena estação que havia desembarcado anteriormente. Embarcamos no trem, e muitos prisioneiros mostraram-se apreensivos, porque não tinham visto sobre os tetos dos vagões, o emblema da Cruz Vermelha. A falta desta identificação, poderia acontecer da aviação aliada atacar

o trem. Nesta hora, surgem estórias de prisioneiros mortos, pela aviação aliada, em deslocamento, sem a identificação da Cruz Vermelha.

Passamos duas noites e um dia viajando, porque o trem parava muito, esperando em desvios outros trens com militares alemães e material bélico.

Pela manhã chegamos numa estação de estrada de ferro intacta. Pelo nome da estação ficamos sabendo que estávamos na cidade de Nuremberg. Em nosso deslocamento a pé para o campo de concentração, atravessamos parte da cidade e ficamos surpresos porque a estação da estrada de ferro e a cidade estavam intactas.

Este campo de concentração era enorme, porque andamos muito entre cerca de arame farpado e, prisioneiros por trás das mesmas. Num prédio da administração, em grupo de dez a quinze prisioneiros, mandaram que nos despíssemos e passaram a revistar as roupas. Como era inverno e, o aquecimento se existisse na sala, era pouco, estando sem roupa estava sentindo um frio desgraçado. Como já tinha sido revistado muitas vezes, soltei um palavrão contra aquela situação. Mas tive poucos segundos de satisfação, porque um soldado alemão que estava perto, meteu a metralhadora na minha barriga e com aquela cara de brabo disse muitas coisas em alemão, que não entendi. Mas compreendi, assim como ele havia entendido meu palavrão em português. Esta foi mais uma lição que aprendi, que na situação que me encontrava, a resignação era um fator importante para a sobrevivência.

Depois deste incidente, um oficial alemão que estava tomando nome dos prisioneiros, perguntou-me com que nacionalidade gostaria de ficar, logicamente, respondi que era com os americanos. O campo de concentração era dividido em diversas áreas, chamados blocos. Em cada bloco ficavam uns duzentos prisioneiros no máximo, sendo em princípio todos da mesma nacionalidade. Diziam que neste campo de concentração havia dez mil prisioneiros das seguintes nacionalidades: americanos, ingleses, canadenses, polacos, sul-africanos, russos, iugoslavos etc.

A construção dos alojamentos era de madeira e as camas tipo, beliche só tinham o estrado de madeira.

Na primeira noite neste campo, sofremos apreensões, porque a cidade de Nuremberg que, pela manhã tinha me causado surpresa, porque não havia destruição, começou a ser atacada pela R.A.F.. Como o campo ficava próximo a cidade e, estávamos amontoados em construção de madeira, qualquer erro no ataque a cidade, poderíamos receber bombas também. O ataque levou mais de duas horas, que foram bastante longas, porque a barraca sacudia com as explosões das bombas, que diziam os prisioneiros mais experientes, serem bombas de 6 toneladas, que somente a RAF usava.

Sem haver pânico entre nós, o comandante da barraca, um major americano, mandou abrir as janelas, porque a vibração poderia quebrar os vidros. Depois de decorrido algum tempo do início do bombardeio, os incêndios que lavraram na cidade, iluminaram a área com tal intensidade que, a claridade atingiu o campo de concentração. Junto a janela com outros prisioneiros, assistia aquela cena extasiado, por ser a primeira vez que via algo semelhante, e também, por ver alguns bombardeiros iluminados pelos faróis da defesa antiaérea e algumas bolas de fogo, no ar, que representava um avião atingido, bem como, alguns pára-quadras.

No dia seguinte pela manhã, ainda havia incêndios na cidade, quando começaram a chegar em esquadrilhas de três aviões os B-17 americanos, que passaram a atacar a cidade. Como as bombas utilizadas eram de menor poder, o barracão de madeira não vibrava como na noite anterior.

Este ataque demorou horas e muitos B-17 foram abatidos. Como o dia estava sem nenhuma nuvem, fora das barracas, assistíamos o ataque de camarote e nos expandíamos gritando de alegria, quando um B-17 era atingido e víamos os pára-quedas da tripulação se abrir no ar e, os prisioneiros que conheciam o numero de tripulantes do B-17, ficavam contando os pára-quedas abertos, para verificar se todos tinham conseguido abandonar a aeronave, que se incendiava, ou descia em pique. Foram duas noites e três dias de ataque a cidade de Nuremberg.

Não me recordo se foi no segundo ou terceiro ataque da aviação americana, que o céu estava 8/8 encoberto. Quando iniciaram o ataque houve preocupação entre os prisioneiros, principalmente para os pilotos de caça, que desconheciam a eficiência do auxílio do Loran, para ataque sem ver o objetivo, conseqüentemente, nossa apreensão e temor é que aquelas salvas de bombas, viessem cair sobre nós. Com o céu 8/8, não víamos os aviões serem atingidos, mas víamos pedaços dos aviões e pára-quedas, quando atravessavam a camada de nuvens.

A minha permanência no campo de concentração foi mais ou menos de um mês. Tínhamos duas refeições por dia, pela manhã um líquido preto, amargo, mas quente e uma fatia de pão preto, que era nosso café, e depois num horário que não sei precisar, recebíamos quatro batatas cozidas. As batatas eram de um bom tamanho que com um mês de dieta forçada, permitia que não comesse tudo de uma vez, guardando sempre um pouco para comer quando sentisse a dor no estômago. Como muitas vezes, após todos terem recebido sua ração, sobravam batatas no panelão, alguns prisioneiros recebiam mais uma batata. Como a distribuição das batatas era feita por prisioneiros, havia um controle pela numeração das camas, para saber quais seriam os premiados naquele dia. O serviço devia ser bem feito, porque nunca ouvi reclamação de algum prisioneiro, em ter sido passado para trás na distribuição do excesso de batatas.

Nas horas dos ataques da aviação contra a cidade de Nuremberg, os católicos rezavam individualmente, mas os protestantes se agrupavam e um liderava os cânticos religiosos. Como desconhecia a religião protestante, achei muito bonito o espírito de congregação entre eles.

Durante a permanência neste campo, dormia mais durante o dia e cochilava durante a noite, porque tinha medo de congelamento dos pés. Não sei qual era a temperatura a noite, mas sentia muito frio, conseqüentemente, andava pelo alojamento para fazer a circulação sanguínea nos pés. Não sei se todos os prisioneiros faziam isto a noite, mas muitos adotavam este procedimento. Como após escurecer era proibido sair do alojamento, havia um tonel para umas necessidades e no dia seguinte através de uma escala, levávamos o referido para despejar na fossa. Esta vida no campo de concentração, comparada com a vida de cela em Frankfurt, era uma delícia, porque não existia o enclausuramento entre as quatro paredes e nem seus pensamentos para lhe atormentar.

A vida no campo era uma rotina, constituída da chamada pela manhã, do café e da outra refeição. A chamada era diária, pela manhã e, fora da barraca, o que não era confortável devido ao frio encima da neve.

Algumas vezes, porque alguns prisioneiros respondiam a chamada do nome de uma maneira que não agradava ao capitão alemão, ele como castigo fazia uma segunda chamada e ainda resolvia contar os prisioneiros e tudo isto feito de uma maneira muito lenta. Quando isto acontecia, quando voltávamos para a barraca, os causadores dos transtornos e, conseqüentemente, maior permanência no frio, eram xingados. A rotina desta vida só era quebrada, quando alguém através da vidraça, informavam que estavam chegando mais prisioneiros. Nesta situação, podia estar caindo neve e, fosse qual o frio que estivesse fazendo, eu abandonava a barraca e me dirigia para a cerca de arame farpado, para ver se via algum companheiro do Grupo de Caça, e ainda em português gritava perguntando se havia algum brasileiro.

Era tamanha a minha vontade de rever um dos amigos do Grupo, que sentia um desânimo, quando me certificava que não havia nenhum brasileiro naquela leva de novos prisioneiros.

#### Parte VI - Um Rosto Amigo

Um dia estava perto da cerca que dividia de um outro bloco de prisioneiros, quando ouvi alguém em inglês chamar brazilian. Olhei através da cerca e lá estava o Major Dow, que comandava um esquadrão americano de P-47 e, cuja minha primeira missão de guerra, tinha sido feita na esquadrilha comandada por ele.

Depois de alguns dias neste campo, aproximei-me do capitão alemão e no meu inglês, perguntei-lhe se existia em outro bloco, algum prisioneiro brasileiro, porque tinha esperança de localizar o Motta Paes. Qual minha surpresa, quando o alemão em português, informou que eu era o único brasileiro nos dez mil prisioneiros. Este Capitão tinha vivido muitos anos no Rio Grande do Sul.

Com a chegada quase que diária de prisioneiros, as nossas três barracas de madeira já estavam superlotadas, então os alemães armaram algumas barracas de lona, que serviram de habitação para novos prisioneiros. Com o aumento de prisioneiros em nosso bloco, passaram a fazer parte do mesmo outras raças tais como: poloneses, australianos, neozelandeses, sul-africanos, etc.

Embora já estivesse me acostumando com a fome, um dia um oficial polonês contou-me que na lata de lixo, havia muitas batatas estragadas, mais que ainda existiam pedaços aproveitáveis e que seria possível reconstituir de diversas batatas estragadas, uma ou duas batatas. Quando estávamos procurando no lixo as batatas, passou o coronel americano que era o responsável pelo nosso bloco. Chamou-nos e nos repreendeu pelo que estávamos fazendo. Disse que dificilmente morreríamos de fome com uma ração alimentar, mas que os alimentos deteriorados poderiam nos provocar um mal qualquer, com conseqüências graves.

Senti-me envergonhado por ter sido chamado a atenção por um oficial estrangeiro e, serviu-me de lição até minha libertação.

Um dia minhas gengivas começaram a sangrar e após a chamada da manhã, falei com o capitão alemão sobre este fato.

Neste mesmo dia, fui com outros prisioneiros, escoltado até a enfermaria, como não tinha remédio apropriado para o meu mal, que depois vim a saber, ser escorbuto, arranjou-me um pacotinho de sal, para esfregar duas vezes ao dia nas gengivas.. Este tratamento de sal para escorbuto, não curou o mal, mas acredito que ajudava a cicatrizar as feridas. Do escorbuto fui curado em Pisa, após minha libertação.

Quando se aproximava o fim do mês de março, chegaram no campo de concentração uns caminhões com a insígnia da Cruz Vermelha Internacional. Estes caminhões traziam caixas de alimentos, enviados pela Cruz Vermelha dos países envolvidos na guerra. Os caminhões vinham da Suíça. Na realidade, a maioria dos pacotes eram enviados pela Cruz Vermelha Americana e possuíam : bolachas, leite em pó, chocolate, presuntada, carne enlatada, cigarros, etc.

Normalmente, um destes pacotes era distribuído para dois ou três prisioneiros e, até minha libertação, acredito que tenha recebido umas três ou quatro vezes, este reforço de alimentação.

Quando se aproximou o fim do mês de março, o Coronel americano que comandava nosso bloco, informou que deveríamos ser evacuados do campo de concentração., devido ao avanço das tropas aliadas. Como esta viagem seria longa e a alimentação incerta, recomendava que de uma última ração da Cruz Vermelha, fizéssemos uma mistura do leite em pó, chocolate e bolachas. Tudo isto amassado e misturado com água, fazia uma massa compacta e nutritiva. Durante nosso deslocamento para Musberg, esta paçoca ajudou-me muito para complementar a pouca alimentação recebida dos alemães.

Quando já tínhamos recebido ordens para o nosso deslocamento que seria neste dia, chegou uma nova leva de prisioneiros e, como sempre fazia, dirigi-me para a cerca de arame farpado e, qual não foi minha alegria, quando no meio daquele bando recém chegado, estava o velho Serião, Correia Neto.

Infelizmente, trocamos poucas palavras, apenas informando que estavam evacuando o campo e que nos deslocaríamos naquele dia.

Só vim a encontrar o Correia Neto, quando fomos libertados em 29 de abril, portanto, quase um mês depois, porque nosso encontro deve ter sido nos primeiros dias de abril.

## Parte VII - Dura Rotina de um Prisioneiro

Quando iniciamos nosso deslocamento, vim a saber que iríamos a pé e que a distância a percorrer era de mais ou menos cento e oitenta quilômetros.

Éramos, aproximadamente, dez mil prisioneiros e estávamos agrupados em pelotões de trinta homens, escoltados por quatro soldados alemães e dois cachorros, que me fez recordar o tempo de guri no sul, quando eu com dois ou três cachorros ovelheiros deslocava as ovelhas para o local do banho contra sarda. Os cachorros alemães não deixavam os prisioneiros sair da fila e nem se atrasarem, exatamente como faziam os ovelheiros com as ovelhas, trazendo para o rebanho os que tentavam desgarrar. Andamos o dia todo e ao entardecer chegamos numa pequena cidade e nosso pelotão foi dormir na igreja.

No dia seguinte, iniciamos nossa marcha, usando estradas secundárias, mas asfaltadas. No fim do dia recebemos a primeira refeição dada pelos alemães e fomos dormir num galpão de uma fazenda. Como havia muita palha no galpão, cada prisioneiro preparou sua cama bem macia e foi uma excelente dormida. Os meus pés já estavam com muitas bolhas, porque nos dois meses de prisioneiro, não tendo tomado banho, com os dois primeiros dias de marcha, as meias se desfizeram. Para que os pés não ficassem folgados dentro da botina, causa das bolhas no calcanhar e dedos, enchi a mesma com palha, melhorando meus pés no terceiro dia de marcha.

Neste terceiro dia de marcha, adveio-me um desarranjo intestinal acredito que estivesse com febre. Fomos informados pelos alemães, que deveríamos andar até meia noite, porque deveríamos pernoitar numa cidade que não me recordo o nome. Acredito que este dia mais longo de marcha, fosse devido ao avanço dos aliados, porque nunca deixamos de estar ouvindo os tiros de artilharia durante a marcha.

Quando a noite atravessamos uma área de mata e fizemos uma parada para descanso, pensei em ficar escondido esperando a chegada dos aliados, porque já não me sentia com forças suficientes para marchar mais umas três horas. Outros prisioneiros queriam aproveitar a escuridão da noite e a área da mata, porque achavam que os aliados estavam muito próximos. Alguns prisioneiros tentaram persuadir os que tentavam fugir, porque o risco seria maior, do que permanecer em marcha e que caso fossem descobertos pelos alemães, poderiam ser mortos.

Apesar da minha primeira intenção, era permanecer escondido no mato, por achar que não teria condições de andar, mas com a conversa de alguns prisioneiros, convenci-me que tinha de reunir alguma energia e continuar a andar, porque o risco de ficar escondido e ser morto pelos alemães era um fato.

Dois companheiros prisioneiros presentes na conversa, disseram-me que me auxiliariam na marcha até chegarmos ao destino. Um dos prisioneiros era um Tenente americano Brown e o outro um inglês, Davies.

Após andar algum tempo auxiliado pelo Brown e Davies e com uma chuva leve para complementar o quadro, passamos por umas barracas que estavam armadas próximo a estrada e com a Cruz Vermelha. Nestas barracas já estavam muitos prisioneiros estropiados e com a autorização dos soldados alemães, meus amigos Brown e Davies, largaram-me aí.

No dia seguinte, os prisioneiros estropiados em número de vinte, seguimos nossa marcha mais vagarosamente, acompanhados por dois soldados alemães, com aparência de velhos, já cansados da guerra e bondosos conosco.

Quando estávamos em nossa marcha vagarosa, passou uma carroça colonial com um civil alemão dirigindo-a. Os soldados alemães fizeram-no parar e colocaram nela os prisioneiros em pior situação. Não me lembro se fui contemplado com um lugar na carroça. Estávamos neste deslocamento, quando um militar alemão, em uma motocicleta, parou e falou com os soldados alemães que nos escoltavam. Imediatamente, ordenaram que nos escondêssemos no mato próximo a estrada, porque estavam tropas SS. Os guardas alemães também se esconderam no mato. Dentro de poucos minutos passaram os caminhões com tropas da SS.

Os militares do exército alemão Wermacht, naquela situação de guerra, temiam a famigerada SS, tropa fanática de Hitler e que já estava controlando as operações militares do exército alemão.

Após a passagem da tropa SS, iniciamos uma marcha lenta e a tarde chegamos numa pequena cidade alemã. Fomos para um prédio que devia ter sido um hotel. Lá já se encontravam uns trezentos prisioneiros, que de outras colunas em marcha de Nuremberg, já tinham entregue os pontos, assim como nós que estávamos chegando.

O difícil foi arranjar um lugar no chão para deitar. Nesta altura, sentia-me fraco e com a infecção intestinal em pleno desenvolvimento e com fortes cólicas. Como era noite e pouca luz, não deu para apreciar aquela massa humana. Mas no dia seguinte com a luz do dia, o aspecto dos prisioneiros doentes e sujos, era deprimente. Neste bando, haviam prisioneiros ingleses de Dunquerque, que com vinte e poucos anos de idade pareciam homens idosos.

O oficial alemão que comandava aquele bando de prisioneiros, considerando as condições físicas dos mesmos, nos reuniu e comunicou que ficaríamos descansando junto a Cruz Vermelha Internacional e que caminhões fariam nosso transporte para Muesberg. No terceiro dia de descanso chegaram os caminhões, e nós seguimos para Muesberg, onde chegamos dois dias antes dos prisioneiros que fizeram o deslocamento a pé.

No campo de concentração de Muesberg, fomos para um alojamento pequeno para o número de prisioneiros, mas permitia que pudéssemos deitar no assoalho. Como já estávamos em abril, a temperatura durante o dia era agradável e a noite embora mais fresca, era perfeitamente aceitável a dormida no chão. Nesta área em que estávamos, mas em um outro alojamento havia prisioneiros russos, que os americanos não deixavam entrar em nosso alojamento, porque diziam que os russos roubavam. Na primeira noite neste local, senti cólicas violentas e senti que teria que ir para o local apropriado, que era um barraco afastado uns vinte metros. Como estávamos dormindo no chão, e era escuro, sai pisando nos prisioneiros, que não sabendo do meu estado, diziam palavrões, quando eram acordados pelas minhas pisadas. Devido a esta dificuldade para sair do alojamento, não consegui chegar intacto no meu destino. Por sorte não era mais inverno, porque fui obrigado a ficar nu para lavar a roupa e a mim.

Na manhã após o incidente, saímos deste local que tinham russos e fomos para outro setor do campo de concentração. Neste alojamento não havia cama, mas também não fazia muita diferença dormir no chão, ou numa cama sem colchão.

Neste primeiro dia estava sentado perto da cerca de arame farpado que separava do outro setor de prisioneiros, quando alguém em português se dirigiu a mim.

Embora me sentisse fraco e desanimado, pois ainda me achava desarranjado dos intestinos, ouvir alguém falar a minha língua, foi um alento.

Este prisioneiro era o Tenente Varoli da FEB, paulista de Guaratinguetá. Tinha sido feito prisioneiro no primeiro ataque do exército brasileiro contra Monte Castelo. Ele foi prisioneiro juntamente com alguns sargentos e soldados.

O Tenente Varoli tinha chegado fazia pouco tempo no campo de concentração de Muesberg, evacuado de um outro campo na Prússia, devido a aproximação dos russos.

No segundo dia de estadia no campo de Muesberg, como ainda estava doente, procurei o oficial americano, responsável pelo setor e expus meu estado de saúde. Ele colocou a mão na minha testa e disse-me que ainda estava com muita febre e que precisava ser medicado. Como seria difícil ser tratado pelos alemães, levou-me para um prisioneiro inglês. Falei sobre meu estado de saúde, e ele deu-me um carvão para comer na hora e mais um pouco para comer mais tarde. No dia seguinte não sentia mais cólicas, o intestino passou a regularidade. Voltei ao prisioneiro inglês que tinha sido meu médico e ele me deu mais um pouco de carvão e disse-me que febre tinha baixado.

Com o meu restabelecimento, recuperei um pouco a energia e me sentia animado. Já estávamos no mês de abril, com dias quentes e, sabíamos que a guerra estava no fim, pois o troar dos canhões era ouvido por nós e a aviação de caça aliada, sobrevoava quase que diariamente o campo de concentração. Estes acontecimentos eram mais importantes, que a pouca alimentação recebida dos alemães. Aquela sensação de fome não existia mais, porque o estômago já estava acostumado e quando recebíamos os pacotes de alimentos da Cruz Vermelha internacional, tínhamos o controle de economizar o adicional de alimentação recebida.

Até a libertação, no dia 29 de abril de 1945, preenchia o dia em papo com o Ten. Varoli, através da cerca de arame farpado, e depois por um buraco feito pelos prisioneiros, passava para o setor dele e ia conversar na sua barraca.

Com o tempo quente, nós ficávamos nus e catávamos nas roupas, um bichinho parecido com traça, e que provocava muita comichão pelo corpo, outro passatempo era catar piolho. Como eu já estava quase três meses sem tomar banho, e sempre dormindo no chão, estes pequenos animais com a chegada do calor, proliferavam e incomodavam a gente

Todo o dia os alemães liam um comunicado de guerra, que lhes era favorável. Estas notícias não nos atormentavam, porque o troar dos canhões e a aviação de caça sobrevoando o campo quase que diariamente, sabíamos que nossa permanência no

campo de concentração estava chegando ao fim. Outro elemento importante em nosso estado de espírito eram as informações da BBC, captadas por receptor em poder dos prisioneiros. Nunca vi o aparelho de rádio e nunca soube onde estava, mas diariamente recebia de um mesmo prisioneiro americano, as últimas informações do noticiário da BBC.

Poucos dias antes de sermos libertados, na revista diária, feita pelos alemães fomos informados, que devido ao avanço aliado, seríamos evacuados para outra área.

Esta notícia provocou nos prisioneiros um burburinho e um desalento, pois estávamos conhecedores do que passaríamos com nossa marcha, porque fazia pouco que tínhamos feito o deslocamento de Nuremberg para Muesberg.. Após esta desagradável notícia dos alemães, o serviço de informações dos prisioneiros, passou a difundir entre nós um comunicado do Comando Aliado para o Comando das Forças Armadas Alemães que dizia o seguinte : "como no avanço das tropas aliadas através da Alemanha, tinham sido encontrados mortos, prisioneiros de guerra, nos deslocamentos as Forças Armadas Alemães seriam responsabilizadas pelas mortes dos prisioneiros de guerra nos futuros deslocamentos".

O nosso deslocamento não foi efetuado e acredito que foi por causa do comunicado do Comando Aliado.

### Parte VIII - Liberdade, Enfim!

No dia 29 de abril, quando completava meus três meses de prisioneiro, fomos acordados pela manhã cedo, pelos gritos de um prisioneiro, que o campo estava desguarnecido. Os prisioneiros quiseram sair da barraca, mas o oficial americano que nos comandava, não permitiu e mandou que todos permanecessem abaixados e não se expusessem nas janelas. Os prisioneiros acataram as ordens do oficial americano, ou por disciplina ou por medo de perder a vida imprudentemente no fim da guerra. O oficial americano por um canto da janela, informava o que estava vendo do lado de fora, tais como: as torres de vigilância estavam desocupadas, os guardas alemães estavam do lado externo do campo de concentração. Estávamos nesta tensão e alegria quando começamos a ouvir rajadas de metralhadoras e tiros isolados, cada vez mais intenso e mais próximo de nós. Repentinamente, em todo o campo ecoou uma gritaria tremenda. Era a bandeira americana hasteada na igreja da cidade de Muesberg, e vista do campo de concentração. Pouco tempo depois de nossa gritaria, os tanques americanos derrubavam as cercas de arame farpado. Estávamos livres. A alegria foi geral. Assim que me refiz da expansão, por estar livre, saí à procura do Correia Netto.

Apesar de sermos quase cinqüenta mil prisioneiros, divididos em setores com mais ou menos quinhentos prisioneiros, não foi difícil encontrar o Correia Netto, porque da Força Aérea Brasileira éramos apenas os dois, portanto aves raras.

À tarde chegaram os primeiros caminhões trazendo alimentação. Nós habituados com pouca alimentação, comíamos mais com os olhos do que com o estômago.

À tarde eu e o Correia Netto, fomos a cidade de Muesberg, que praticamente estava deserta, só encontrando prisioneiros que carregavam as coisas mais extravagantes. A noite nosso campo parecia um acampamento de ciganos, tal o número de fogueiras onde, se viam leitões, galinhas, etc., sendo assadas pelos prisioneiros. Tudo o que os prisioneiros puderam tirar dos alemães, levaram para o ex-campo de prisioneiros. Além dos animais para comerem, tinham cavalos, charretes, automóveis etc.

No dia seguinte a nossa libertação, a polícia militar americana considerou a cidade de Muesberg sob controle e não permitiu a ida dos prisioneiros, para evitar desastrosos.

O General Patton, que comandava o Terceiro Exército e que nos libertou, apareceu no campo no seu uniforme impecável e, com o seu revólver 45 de cabo de marfim. Dirigiu-se aos prisioneiros informando que deveríamos ficar mais alguns dias no local, porque todos os meios de transporte terrestre e aéreos existentes estavam apoiando o Terceiro Exército, no seu avanço para o leste.

Após as 24 horas da libertação, começou a atuar a organização americana, organizando em cada setor do campo de concentração os pelotões para a evacuação

Cada pelotão tinha o seu responsável e um número, que serviria para orientá-los a se dirigirem para seus transportes. Como o Correia Netto estava num outro setor, ficou num outro pelotão. As unidades móveis de banho, organizaram seus banheiros e os pelotões em ordem se dirigiam para a área da higiene. Todos ficávamos nus e com os olhos fechados, nós e nossas roupas iam sendo desinfetadas, acabando os piolhos e os bichos que provocavam a comichão no corpo. Após esta primeira limpeza, íamos para os chuveiros e lá deixávamos a sujeira. Que coisa formidável um banho, depois de três meses. Antes de deixarmos o campo de concentração, soube que no prédio da administração alemã estavam os pertences tomados quando feito prisioneiros.

Quando cai prisioneiro na Itália, no dia 29 de janeiro, haviam me tirado o relógio e um cronômetro marca Universal. Sem muita esperança resolvi ir no tal prédio e qual não foi minha surpresa, encontrando meu relógio com uma tarjeta de identificação em meu nome, posto e meu número de identificação.. Como é que uma força armada, que preserva os bens de um prisioneiro, pode ser levada por um bando de fanáticos.

No dia 7 de maio, deixamos o campo de concentração e, de caminhão nos dirigimos para a cidade de Ingolstadt, nas margens do Danúbio. Ficamos para o pernoite num antigo quartel alemão. Os ex-prisioneiros descobriram o almoxarifado do quartel e, pela manhã quando fomos para a fila do café, haviam muitos deles com uniformes alemães e cheios de ribon de condecorações alemães. Após o café fomos para o campo de aviação de Ingolstadt, antiga base militar da aviação alemã. Enquanto aguardávamos a chegada dos C-47, que nos levaria para a França, fui ver os aviões alemães que haviam sobrado, estando alguns intactos, outros parcialmente danificados e a maioria destruída pela velha aviação de caça. Foi no campo de aviação de Ingolstadt, que vi pela primeira vez na minha vida, um avião a jato, o célebre ME-262.

Enquanto aguardávamos a chegada dos C-47, aconteceu uma cena de guerra cômica, quando apareceu voando rasante um Stuka, para pousar no campo. Mas os soldados

americanos que guarneciam as metralhadoras .50, montadas nos caminhões, abriram fogo contra o Stuka, cujo piloto queria pousar para se render.

Com as metralhadoras atirando o coitado do piloto arremeteu rasante e num zig-zag miserável, desapareceu por trás da mata. Dentro de poucos minutos, voltou ele rasante e com pano branco amarrado na nacele e, muito antes do avião parar, ele já estava trepado na asa. Neste dia 8 de maio de 1945, tinham sido suspensas as operações militares, pela rendição incondicional dos alemães.

Após nosso almoço, começaram a chegar os aviões C-47, em fila indiana. Os aviões não paravam os motores e, por alto falante, comunicavam o número do pelotão e o número de matrícula do avião que deviam ser ocupados. Embora já libertado há alguns dias, e portanto, em segurança, foi uma satisfação quando deixei a Alemanha.

Nosso destino estava sendo a cidade da Havre, na França. Neste vôo até Havre, sobrevoamos regiões muito bonitas, mas tudo que havia visto de destruição na Itália, Áustria e Alemanha, foi pouco comparado com o que estava observando de nosso C-47.

Do campo de aviação de Havre, fomos de caminhão para uma imensa área com barracas armadas, que seria nosso local de permanência.

Como sempre a organização americana estava funcionando com a sua eficiência. Após chegar nesta área, sem atropelos, foi servido café com donnuts. Após esta pequena refeição, recebemos talheres, pratos caneco e cobertores e o número da barraca que seria o nosso hotel.

No dia seguinte, após o breakfast, fora do comum em abundância e variedade de alimentos, senti que nos meus três meses de prisioneiro, meu estômago havia murchado, porque não consegui comer nem um terço do que minha vontade desejava. Realmente, nesta área para alimentação, havia um cartaz que nos alertava para sermos moderados em nosso desejo, porque havíamos sofrido fome e, conseqüentemente, o estômago não estava preparado para receber muita alimentação.

Após o succulento café, fui procurar o velho Correia Netto. Não foi difícil dentro daquela organização americana. Juntos, já estávamos sabendo que começaria dentro de poucos dias a evacuação por navio dos prisioneiros. Como tínhamos combatido dentro da organização americana, logicamente, que iríamos para os Estados Unidos. De comum acordo desejava voltar para a Itália, para junto de nossos companheiros do 1º Grupo de Caça. Fomos ao Quartel General na própria área, que estava coordenando os embarques dos ex-prisioneiros para suas pátrias. Fomos recebido amigavelmente pelo Coronel Aviador Snavelly, da Força Aérea Americana, logo que nossa presença foi comunicada. O Correia Netto que falava melhor, expôs ao Cel. Snavelly nossa intenção de irmos para Pisa, na Itália, onde estava nossa unidade e que, não era nosso desejo seguir para os Estados Unidos.

Ele compreendeu nossa vontade e disse que iria tomar providencias e que voltássemos após o almoço. Antes de nos despedirmos, chamou um sargento americano e mandou

que arranjasse toalha, sabonete e nos levasse para seu banheiro privativo. Enquanto tomávamos nosso banho, apareceu o sargento e disse que deixássemos toda nossa roupa e que enroladas na toalha fôssemos a sala do Cel. Snavely. Com o Coronel fomos ao almoxarifado e lá recebemos meias, cuecas, lenços e uniforme americano.

Após nosso almoço, e fardados como oficial americano, fomos a presença do Coronel, como havia sido determinado.. Quando entramos em sua sala, fomos informados que estava tudo resolvido, isto é, um avião viria nos buscar e já tínhamos reserva em Paris, num hotel de rest camp da Força Aérea Americana e que nossa embaixada já estava informada de nossa situação e o hotel que ficaríamos hospedados.

### Parte IX - Paris, Um Bom Final de Guerra

Após estas maravilhosas informações, que tornou realidade nossa vontade de regressar ao nosso 1º Grupo de Caça na Itália, o Coronel pediu desculpas por não poder oferecer uma determinada quantidade em dólares, que todos os prisioneiros americanos estavam recebendo, porque não havia maneira de justificar a despesa perante os regulamentos de sua força armada.

Desde nossa libertação e a demora em nossa evacuação da área, tudo estava correndo certo e cada vez mais certo, portanto nossa chegada a Pisa era questão de mais alguns dias. O Coronel Snavely solicitou que permanecêssemos em seu quartel general porque na hora acertada iria nos levar ao campo de aviação. Após uma espera que não foi muito longa, seguimos com o Coronel no seu jeep até o campo de aviação, onde pousou um C-45, nosso velho conhecido do Correio Aéreo Nacional, no Brasil. Despedimo-nos do nosso amigo Cel. Snavely e embarcamos no C-45, que após um vôo de pouca duração, pousou num campo de grama, sem nenhuma atividade aérea.

Saímos do avião e nos dirigimos para a sala de operações. Quando nos apresentamos, quem nos recebeu já sabia de nossa missão e, nos encaminhou para um automóvel dirigido por um civil, que também, já sabia qual o destino e nos deixou no Hotel Laffayette, na Av. Laffayette em Paris.

Entramos no hotel e nos dirigimos para a recepção, sendo atendidos por um sargento americano, que era o administrador (gerente) do hotel. Com a nossa apresentação, mostrou-se afável e disse que já estava nos esperando, conseqüentemente, nos entregou a chave do quarto. Em nosso quarto, e como ainda não tínhamos sido recebidos por nenhum representante de nossa embaixada, após aguardar algum tempo, fomos a portaria do hotel e telefonamos para a embaixada, para falarmos com alguém credenciado e avisarmos de nossa presença, porque seria através da embaixada que receberíamos o pequeno auxílio que necessitávamos, dinheiro e a ida para a Itália. Atendeu o telefone um empregado português da embaixada e nos informou que não havia nenhum funcionário brasileiro. Grande decepção, revolta e humilhação, porque enquanto estávamos sobre o controle americano, tudo estava funcionando corretamente e, na primeira oportunidade de fazermos contato com nossa pátria (embaixada), não tínhamos o mínimo, para dois ex-prisioneiros.

No dia seguinte, após nosso café da manhã, fomos ao sargento americano, gerente do hotel, pedir informações de como poderíamos chegar a nossa embaixada. Ele nos informou que seria difícil, porque o serviço de transporte coletivo em Paris, não estava organizado, mas que nos mandaria levar na pick-up do hotel, que ia sair para trazer suprimentos e que passaria na embaixada e esperaria por nós, desde que não demorássemos muito, porque precisava da viatura para atender as necessidades do hotel. Seguimos na pick-up para a embaixada, sendo o motorista um cabo americano, simpático e falante. Na embaixada fomos recebidos por um secretário, porque o embaixador ainda não tinha chegado. Nossa missão na embaixada era obter dinheiro para nossas necessidades mínimas, tais como cortar cabelo (fazia mais de três meses que eu não cortava o cabelo) e, uma sobra para pequenas necessidades, considerando que a hospedagem e alimentação estávamos tendo gratuitamente, das forças armadas americanas e obter a interferência do nosso embaixador junto a quem de direito, para o nosso regresso a Pisa. O secretário de nossa embaixada, cujo nome não interessa, nos recebeu como se tivéssemos em turismo e fazendo visita de cortesia. Só ele falava, não dando oportunidade para que expuséssemos a razão de nossa presença na embaixada.

Quando soube que tínhamos estado em Nuremberg, e que a cidade estava arrasada, ficou muito desolado, porque conhecia e gostava muito da cidade, onde já tinha passado férias (logicamente que antes da guerra). Como estávamos com pressa porque a pick-up estava nos esperando e, o secretário estava em devaneios e sem percepção do porque de nossa presença ali, o velho Serião perdeu a paciência e deu um soco na mesa, e disse-lhe o porquê de nossa presença na embaixada. Com a seriedade do Serião, o referido cidadão, interrompeu seus devaneios e nos deixou na sala, informando que iria arranjar o dinheiro. Regressando a sala, entregou uma importância em francos e, nós solicitamos que preparasse um recibo, para posterior devolução. O secretário disse que não era necessário, esta sua resposta não nos agradou porque não queríamos favor e nem estávamos em nossa embaixada pedindo esmola. Como o ambiente estava carregado e o secretário não queria preparar o recibo, nos retiramos da embaixada certos que devolveríamos a importância recebida. Como até aquela data estávamos dormindo e comendo por conta do americano, não tínhamos idéia do poder aquisitivo do dinheiro que havíamos recebido. Como a prioridade número um, era cortar o cabelo, após chegarmos ao hotel, nos dirigimos para a barbearia mais próxima do local. Quando chegamos a barbearia e verificamos o preço do corte do cabelo, compreendemos porque o secretário não quis dar o recibo para o dinheiro entregue, pois após o corte do cabelo e respectiva gorjeta, ficamos com uns trocados. Realmente, havíamos recebido uma esmola. Após o corte de cabelo, e sentindo-nos com melhor aspecto, seguimos para o nosso ancoradouro, isto é nosso hotel, para pegar o almoço.

No hotel fomos informados pelo sargento americano, gerente, que a embaixada havia telefonado e o embaixador estava nos convidando para almoçarmos com ele no dia seguinte, no hotel em que estava hospedado. Esta notícia nos agradou, deixando para segundo plano, a esmola recebida. Pela manhã, porque tínhamos a oportunidade de obter do nosso embaixador o apoio para regressarmos a Pisa.

No dia seguinte a pick-up do hotel nos levou ao hotel em que estava o embaixador. Para nós que estávamos cheios de esperança neste encontro, tivemos nova decepção e, seria preferível que não tivesse acontecido tal encontro.

O nosso objetivo não era comer com o embaixador, porque estávamos sendo bem alimentados no hotel, mas sim obtermos a sua interferência para o nosso regresso a nossa unidade. Após ouvirmos suas lamúrias quanto as dificuldades de vida em Paris, tais como alimentação, pouca gasolina, etc., parecia sermos nós uns abastados e ele um pobre coitado chegando de um campo de concentração. Nosso embaixador, resumindo este tempo em sua companhia, nos informou que nada poderia fazer por nós. Após esta bela atuação, ele alegou tinha uma barba muito difícil e que só se dava bem com uma determinada marca de gilete, e solicitou se poderíamos adquirir algumas laminas na cantina americana.

Após chegarmos ao hotel, depois deste estimulante encontro, não sei qual era nossa expressão facial, mas acredito que fosse das piores, porque chamou atenção do sargento gerente, que nos perguntou o que tinha havido com o nosso embaixador. Sem nenhum constrangimento, explicamos o que tínhamos solicitado ao nosso embaixador e que o mesmo disse que nada podia fazer por nós.

O sargento disse que iria resolver nosso assunto e prontamente chamou o cabo motorista e mandou que nos levasse ao chefe do Air Transport Command em Paris, e que explicássemos que éramos oficiais brasileiros e ex-prisioneiros e, que desejamos regressar a nossa unidade em Pisa. O cabo americano falador e extrovertido nos levou a um prédio, sede do ATC, que ficava em frente a Ópera de Paris. No prédio do ATC, seguimos o cabo e dentro de pouco tempo, estávamos em uma sala, tendo um general da aviação americana, pela frente. Nosso amigo cabo explicou ao general a razão de nossa presença e após darmos nossos nomes e postos, o general preencheu uma papeleta de autorização de viagem e com uma prioridade excelente. Retiramos-nos da sala do general, e com a autorização nos dirigimos ao guichê dos aviões para o sul da França e Itália. Atendia ao guichê uma moça americana do corpo auxiliar feminino (WAC)

Com a nossa prioridade na requisição da passagem, fomos informados que a tardinha sairia um avião para Pisa e que embarcaríamos nele. Nossa alegria foi total, pois estávamos conseguindo em menos de duas horas, o que nosso embaixador tinha se negado a resolver para nós.

Com a nossa alegria, o Correia Netto soltou a língua e contou para WAC a nossa odisséia com a nossa embaixada. A alegria de embarcarmos a tardinha para Pisa e naquela noite estarmos com nossos amigos do 1º Grupo de Caça, desmoronou naquele instante, porque a WAC não se conformou que estando nós a três dias em Paris, não temos conhecido o Follies Bergere, Tabaris e Museus, portanto só nos daria a passagem para dai dois dias. Alegamos que não tínhamos dinheiro que ficaríamos estes dois dias no Hotel Lafayette. Nesta altura o cabo nos informou que nos emprestaria o dinheiro. Com a solução do cabo ficamos sem ação e a WAC nos entregou as passagens para o avião que sairia dai a dois dias.

Embarcamos na pick-up de volta ao hotel e no caminho o cabo parou num bar e fez questão de pagar bebida, que aceitamos, mas eu e o Correia Netto trocamos idéia sobre o dinheiro que o cabo fazia questão de emprestar e resolvemos que para não sermos indelicados, receberíamos e no dia da ida para o aeroporto, devolveríamos a importância, explicando da impossibilidade de reembolsá-lo depois.

Neste dia após o jantar, fomos para nosso quarto e lá estávamos conversando, quando entraram porta adentro Lagares, Pessoa Ramos e Buyers. é totalmente impossível descrever nossa alegria, quando estes amigos do nosso Grupo de Caça entraram.

Como nossos amigos estavam com a gaita, toda a programação da WAC foi cumprida, isto é, Follies Bergere e Tabaris, não me lembro se fomos visitar museus. Nossos amigos foram chegar ao nosso hotel, porque quando fomos libertados no dia 29 de abril em Muesberg, o Major Dow, da Força Aérea Americana, roubou um automóvel alemão e com a gasolina fornecida pelas unidades americanas, se dirigiu para Pisa. Quando lá chegou, comunicou ao nosso comandante, Ten. Cel. Nero Moura, que eu e Correia Netto estávamos no campo de concentração de Muesberg. O nosso comandante conseguiu que o avião B-25 de apoio seguisse para Muesberg. Quando chegaram neste local, souberam que tínhamos ido para Ingolstadt e neste local informaram que todos os ex-prisioneiros tinham ido para Havre na França. Quando chegaram em Havre, foram bater no nosso Cel. Snavely, que os informou de nossa estadia no Hotel Lafayette.

*Esse impressionante relato foi escrito de próprio punho pelo MAJ. BRIG. Josino Maia de Assis e me foi gentilmente cedido por seu filho Paulo Assis a quem gostaria de deixar meus agradecimentos.*